

O autocontrole como mediador na relação entre tempo de uso das redes sociais e sintomas de TDAH¹

Self-control as a mediator in the relationship between time spent using social media and ADHD symptoms

Maria Leni Peixoto Dantas², Tailson Evangelista Mariano²

RESUMO: Devido ao avanço desenfreado de novos dispositivos tecnológicos, a sociedade atual vem enfrentando desafios inéditos, dentre eles diversos impactos psíquicos emergentes. Estudos apontam que, atrelado ao uso indiscriminado de mídias digitais, o aumento da sintomatologia do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) se apresenta de forma proeminente nos usuários. Com o intuito de responder a uma lacuna da literatura, o presente artigo tem por objetivo analisar como o tempo de uso da mídia está correlacionado a comportamentos do tipo TDAH e até que ponto o autocontrole dos participantes medeia essa relação. Com uma amostra de N = 659 participantes, média de idade 26 anos (DP = 0,45; EP = 0,01), sendo 70,7% mulheres cisgênero. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Autorrelato de TDAH para Adultos, o Questionário de Hábitos de Mídia e a Escala de Autocontrole. Foi possível identificar correlações significativas entre as três variáveis: pessoas com maior tempo de uso de redes sociais apresentam maiores sintomas de TDAH ($r = 0,211$; $p < 0,001$), indivíduos com baixo autocontrole apresentarão maior tempo de uso de redes sociais ($r = -0,306$; $p < 0,001$) e maiores sintomas de TDAH ($r = -0,459$; $p < 0,001$). O autocontrole atua como mediador nessa relação ($\lambda = 0,071$, IC 95% = 0,063/0,127, $p < 0,001$). O presente estudo promove informações importantes acerca de fatores vinculados ao desenvolvimento de sintomas de TDAH, além de reforçar a literatura vigente e trazer dados singulares envolvendo uma amostra brasileira.

Palavras-chave: Autocontrole; Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade; Uso de Redes Sociais.

ABSTRACT: Due to the unbridled advance of new technological devices, today's society is facing unprecedented challenges, including several emerging psychological impacts.

¹ Pesquisa financiada pela Universidade Católica de Pernambuco.

² Universidade Católica de Pernambuco

Studies show that the indiscriminate use of digital media has led to an increase in the symptoms of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) among users. In order to respond to a gap in the literature, this article aims to analyze how media use time is correlated with ADHD-like behaviors and to what extent participants' self-control mediates this relationship. With a sample of $N = 659$ participants, mean age 26 years ($SD = 0.45$; $SE = 0.01$), 70.7% of whom were cisgender women. The instruments used were the Adult ADHD Self-Report Scale, the Media Habits Questionnaire and the Self-Control Scale. It was possible to identify significant correlations between the three variables: people who spend more time using social networks have higher ADHD symptoms ($r = 0.211$; $p < 0.001$), individuals with low self-control will spend more time using social networks ($r = -0.306$; $p < 0.001$) and have higher ADHD symptoms ($r = -0.459$; $p < 0.001$). Self-control acts as a mediator in this relationship ($\lambda = 0.071$, 95% CI = 0.063/0.127, $p < 0.001$). This study provides important information about factors linked to the development of ADHD symptoms, as well as reinforcing the current literature and providing unique data involving a Brazilian sample.

Keywords: Self-control; Attention Deficit Hyperactivity Disorder; Social Media Usage.

Introdução

Atualmente, a sociedade contemporânea vem adquirindo um ritmo cada vez mais acelerado e frenético quando em comparação com algumas décadas atrás. Esse modelo de sociedade vem causando um impacto direto nos indivíduos, sendo o aumento dos diagnósticos em diversos transtornos mentais um dos focos mais atuais da comunidade científica. Um dos transtornos comumente diagnosticados, segundo Sciutto e Eisenberg (2007), é o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), que, de acordo com os autores e o que se observa na sociedade, vêm ocorrendo um “super diagnóstico” do transtorno. Dados do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, Texto Revisado (DSM-5-TR) sugerem que existe uma prevalência na maioria das culturas em 7,2% das crianças e 2,5% dos adultos, podendo apresentar uma grande variação, de 0,1 a 10,2% das crianças e adolescentes (American Psychiatric Association, 2023).

Ainda de acordo com o DSM-5-TR, o TDAH é caracterizado como um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade com potencial de provocar interferências no funcionamento ou desenvolvimento dos indivíduos. Algumas manifestações incluem dificuldade de manter o foco, falta de persistência ao realizar uma tarefa, desorganização, inquietude, conversa em excesso, intromissão social, ações impulsivas e níveis menores de inibição comportamental (American Psychiatric Association, 2023).

É importante destacar, ainda, que o DSM-5-TR faz uma distinção do TDAH em três subtipos, sendo necessário um preenchimento desses critérios por parte do indivíduo nos últimos 6 meses. A “apresentação combinada” ocorre quando tanto o critério A1 (desatenção) quanto o critério A2 (hiperatividade-impulsividade) são preenchidos. Em contrapartida, a “apresentação predominantemente desatenta” seria quando o critério A1 é preenchido, mas o A2 não, e a “apresentação predominantemente hiperativa/impulsiva”, quando o critério A2 é preenchido e o A1 não (American Psychiatric Association, 2023).

Alguns estudos têm apontado que a sintomatologia do TDAH, além da categoria diagnóstica, também pode se manifestar como um traço ou característica individual. Um estudo realizado por Lubke et al. (2009) com crianças e adolescentes de diferentes idades demonstrou que problemas de atenção podem persistir de forma contínua ao longo da vida, enquanto sintomas de hiperatividade tendem à diminuição. Dessa forma, é compreensível que os participantes do estudo não teriam o diagnóstico de TDAH, apenas algumas características pontuais.

No que diz respeito ao uso de mídias, Guttman (2023) traz dados recentes em uma pesquisa mundial. É estimado que usuários de internet passem $\frac{1}{4}$ do dia on-line, tendo uma preferência maior para redes sociais que envolvam vídeos e áudios. Os jogos on-line, principalmente os disponibilizados em dispositivos móveis, apresentaram uma

média semanal de sete horas dentro do consumo de mídia dos usuários. Mídias televisivas também vêm apresentando crescimento, na medida em que 1/3 dos consumidores preferem o conforto de seus lares ao invés das salas de cinema para assistirem a filmes e, com o advento dos serviços de streaming, as séries estão cada vez mais em alta.

Nesse sentido, alguns autores têm se debruçado para entender a relação entre a sintomatologia do TDAH e o uso de mídias. Menendez-García et al. (2020) trazem que o vício no uso do celular, da internet e jogos on-line mostraram alta prevalência em participantes com e sem o diagnóstico de TDAH. As apresentações combinada e predominantemente hiperativa/impulsiva estavam associadas com o vício em jogos on-line enquanto a apresentação predominantemente desatenta estava relacionada com o vício no uso do celular. Em contrapartida, o TDAH se apresentou como um fator de risco para o desenvolvimento do vício em internet.

Segundo Nikkelen et al. (2014), problemas de atenção e a dificuldade de autocontrole, marcada no estudo como impulsividade, apresentaram uma correlação positiva com o uso da mídia, demonstrando que, quanto maior o uso da mídia, maiores são os problemas de atenção e traços impulsivos. Além disso, variáveis que mediam conteúdos violentos e acelerados das mídias tiveram uma relação positiva com os comportamentos do tipo TDAH, mostrando que essas questões influenciam no desenvolvimento da sintomatologia.

Koessmeier e Büttner (2021) examinaram a distração voltada para o uso das redes sociais, buscando entender quando e por que as pessoas tinham tempos de uso elevados. Foi provado que, quanto maior o autocontrole, menor a distração pelas redes sociais. Quando as pessoas usavam as redes sociais para evitar fazer tarefas, o autocontrole apareceu como um preditor significativo, significando que um grande autocontrole levaria a menos distrações propositalmente a fim de evitar tarefas.

Outro estudo realizado por Boer et al. (2021) mostrou que pessoas com altos níveis altos de uso de redes sociais e em uma frequência considerada problemática demonstraram níveis mais baixos de autocontrole, bem como maior déficit de atenção e impulsividade. Além disso, observou-se que os níveis altos de uso das redes sociais prevaleceram ao longo de quatro anos, mostrando o poder “aditivo” que o uso problemático das redes sociais pode causar em seus usuários.

Levando em consideração o exposto, é compreensível que o uso de diferentes tipos de mídia vem se tornando cada vez mais frequente em nossa sociedade, em especial o uso de redes sociais através de dispositivos móveis. Dixon (2024) traz que a média de uso de redes sociais no mundo é de 143 minutos diários, enquanto o país que mais passa tempo em redes sociais por dia é o Brasil, totalizando uma média de 3 horas e 49 minutos, comparado aos Estados Unidos com apenas duas horas e 16 minutos. Esses dados mostram como essa disponibilidade de tempo para redes sociais é alta e problemática, na medida em que seus usuários se tornam sujeitos a desenvolverem sintomas característicos do TDAH e até uma possível dependência, como citado anteriormente.

A literatura vigente acerca do TDAH ainda é escassa em alguns quesitos, tais como o estudo de alterações emocionais, como o autocontrole, em contexto de redes sociais, sendo mais comuns estudos voltados para videogames. Além disso, as pesquisas são voltadas para crianças e adolescentes em países de primeiro mundo, ao passo em que países subdesenvolvidos como o Brasil e outros grupos populacionais não possuem dados empíricos. Dessa maneira, o presente estudo visa responder a uma lacuna da literatura científica a fim de analisar como o tempo de uso das redes sociais está correlacionado com comportamentos do tipo TDAH e até que ponto o autocontrole medeia essa relação. Além disso, propõe-se verificar o poder estatístico e direção da relação entre o uso das

redes sociais e comportamentos do tipo TDAH, bem como testar o efeito do autocontrole como mediador na relação entre o tempo de uso das redes sociais e os sintomas de TDAH.

Método

Este artigo se trata de um estudo correlacional, com ênfase quantitativa, que visa suprir uma lacuna na literatura científica quanto aos efeitos do tempo de uso da mídia correlacionado com comportamentos do tipo TDAH e o autocontrole enquanto mediador dessa relação.

Participantes

Contou-se com uma amostra por conveniência (não probabilística) de 659 participantes, distribuídos em vários estados brasileiros e com média de idade de 26 anos ($DP = 0,45$; $EP = 0,01$), sendo 70,7% dessa amostra composta por mulheres cisgênero. Acerca da frequência de consumo, foi apontado que, em média, os participantes passam cerca de 3 a 5 horas por dia em redes sociais ($M = 5,23$; $DP = 1,63$). O tamanho da amostra foi estimado no G*Power ($N = 883$; Faul et al., 2009) com 95% de poder de teste para detectar um tamanho de efeito pequeno ($Cohen\ d = 0.10$). Logo, para garantir um tamanho de amostra adequado após contabilizar os dados ausentes e / ou excluídos.

Instrumentos

As variáveis do estudo serão mensuradas por meio de escalas já utilizadas no meio científico. São elas o Questionário de Hábitos de Mídia (Anderson et al., 2017), a Escala de Autocontrole (Willems et al., 2018) e a Escala de Autorrelato de TDAH para Adultos (Spencer et al., 2009). Além disso, também foram utilizadas questões demográficas, compostas por um conjunto de variáveis que possibilitam a caracterização dos participantes, tal como sexo, idade, a quanto tempo de uso de mídias virtuais.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada mediante a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa competente (CAAE nº: 58015122.2.0000.5188). No que se refere ao procedimento de coleta, os questionários foram construídos por meio da plataforma Google Forms para preenchimento digital via internet. Os formulários foram enviados aos participantes da amostra tanto via e-mail como por meio de aplicativos de mídias sociais (e.g., *WhatsApp*, *Twitter*, *Facebook* e *Telegram*). O questionário só foi respondido após concordância online do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), se os participantes consentissem em participar deste estudo, eles indicaram isso selecionando "Sim" e, em seguida, procederam aos questionários do estudo. Caso não desejassem participar, selecionaram "Não" e saíram da página. Os participantes preencheram um questionário sobre hábitos de mídia, pensamentos, sentimentos, traços de personalidade, problemas de atenção e comportamento (e.g., agressão) e forneceram informações demográficas. O tempo necessário para responder ao questionário foi de aproximadamente 30 minutos.

Análise de dados

Os dados foram analisados por meio dos programas estatísticos SPSS e JASP. Foram feitas análises descritivas, de correlação de Pearson e mediação entre as variáveis de interesse. Além disso, também foi usada a análise de consistência interna alfa de Cronbach (Field, 2020).

Resultados

A fim de verificar o poder estatístico e direção da relação entre o uso de redes sociais e comportamentos do tipo TDAH, foram realizadas análises de correlação de Pearson. A Tabela 1 mostra que houve relações significativas entre as três variáveis, um bom resultado que vai além das variáveis de interesse.

A princípio, analisando as variáveis “tempo de uso” e “TDAH”, é possível observar uma relação positiva de poder estatístico fraco ($r = 0,211$; $p < 0,001$), indicando que, quanto maior o tempo de uso de redes sociais, maiores sintomas de TDAH o indivíduo irá apresentar. Além disso, os resultados também apontam para correlações negativas entre o autocontrole e o tempo de uso ($r = -0,306$; $p < 0,001$), bem como autocontrole e sintomas de TDAH ($r = -0,459$; $p < 0,001$), com poderes estatísticos fraco e moderado, respectivamente. A interpretação desses dados mostra que indivíduos com baixo autocontrole apresentarão maior tempo de uso de redes sociais e maiores sintomas de TDAH em decorrência desse uso.

Tabela 1

Análises descritivas e correlacionais para as variáveis de estudo

Variável	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	1	2	3
1. Autocontrole	659	3.48	0.55	—		
2. TDAH	659	2.16	0.75	-0.459*	—	
3. Tempo de Uso	659	5.23	1.63	-0.306*	0.211*	—

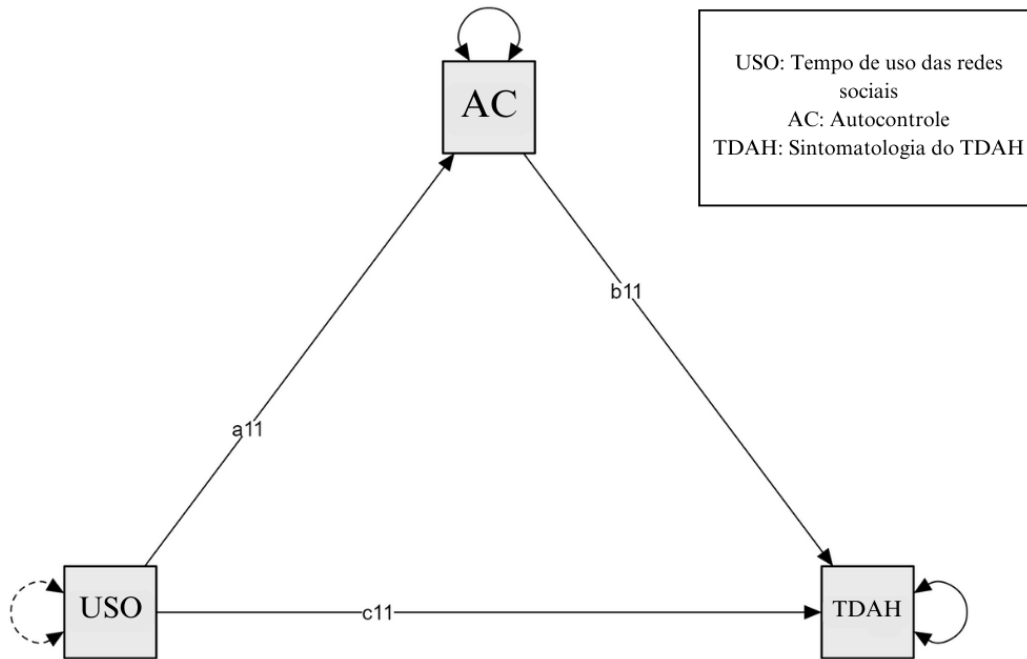
Nota. *Coeficiente de correlação de Pearson; * $p < 0.001$.

Fonte. Os autores.

A Figura 1 indica os resultados da análise de mediação realizada, que teve o objetivo de testar o efeito da variável “autocontrole” como mediadora na relação entre o tempo de uso das redes sociais e os sintomas do TDAH. Analisando o resultado da mediação, é possível observar a existência de tal ação mediadora, indicando que o tempo de uso e os sintomas de TDAH são afetados pela capacidade de autocontrole dos participantes ($\lambda = 0,071$, IC 95% = 0,063/0,127, $p < 0,001$).

Figura 1

Análise de mediação entre tempo de uso de redes sociais, autocontrole e sintomatologia do TDAH



Fonte. Elaborado pelos autores.

Discussão

Os resultados do estudo mostram, de forma clara e objetiva, como o tempo de uso de tal mídia está correlacionado com comportamentos do tipo TDAH e o autocontrole possui ação mediadora nesta relação. Estudos semelhantes a esses realizados em outros países e com outros alvos populacionais mostram resultados semelhantes, estando de acordo com a literatura atualizada e vigente do tema.

Arness e Ollis (2022) demonstraram que existem fortes correlações entre o uso impulsivo de redes sociais e o aumento da falta de atenção, o qual pode ser feita uma referência com o presente estudo na medida em que traços impulsivos são demonstrados por pessoas com baixo autocontrole. Além disso, tal impulsividade agiu como mediador entre a desregulação da atenção e o uso problemático de redes sociais, questão igualmente abordada no presente artigo. Dessa forma, é provável que os processos comuns de

autorregulação conduzam as pontuações tanto da sintomatologia do TDAH quanto do uso impulsivo de redes sociais.

Os autores supracitados discutem sobre como essa restrição perante o uso das redes sociais é uma tarefa desafiadora para os usuários, visto que é necessário um alto nível de autocontrole, o qual muitos participantes relataram não possuir. Algum sucesso foi obtido quando os participantes interrompiam o acesso a redes sociais com algumas estratégias de autocontrole, tais como temporariamente desinstalar os aplicativos, desativar suas contas ou guardar o dispositivo que usam para acessar as redes sociais em outro cômodo.

Koessmeier e Büttner (2021) trazem dados parecidos ao medir a distração através das redes sociais em situações que envolvem tanto a interação com outras pessoas quanto o tempo passado sozinho dos participantes. Ambos os tipos de interação foram preditos por baixo autocontrole, mostrando que, quanto maior o autocontrole do participante, menor a distração social, que envolve recorrer às redes sociais a fim de se distrair. Tal achado é interessante pois demonstra que, seja rodeado de pessoas ou realizando algo sozinho(a), as redes sociais se mostram aliadas a um mecanismo de enfrentamento. Entretanto, como provado no presente estudo e em outros dados da literatura, o uso desses artefatos de forma indiscriminada traz impactos significativos no psiquismo de seus usuários e, por ter uma natureza viciante, torna-se mais difícil controlar o uso.

Ainda nessa perspectiva, Boer et al. (2021) contribuem com a discussão ao identificarem quatro subgrupos distintos, sendo dois subgrupos que mostraram níveis relativamente altos de uso problemático de redes sociais com o tempo, no qual um reportou alto e o outro reportou mediano os níveis de frequência de uso de redes sociais, e dois outros subgrupos que mostraram níveis baixos de uso problemático de redes sociais com o tempo, no qual um reportou baixo e o outro reportou alto nível de frequência de

uso de redes sociais. A princípio, esses dados refletem o discutido anteriormente acerca do “vício”, pois níveis altos de uso problemático de redes sociais mostraram ser persistentes com o tempo. Também é válido ressaltar para o presente estudo que o subgrupo com altos níveis de uso problemático de redes sociais e alta frequência de uso de redes sociais mostrou níveis menores de autocontrole, maior déficit de atenção e maior impulsividade, reforçando os achados. Os autores também sugerem que tais diferenças individuais irão determinar o quanto o sujeito está vulnerável ao uso problemático de redes sociais, levando também a uma alta frequência de uso.

Novamente, a questão da dificuldade em exercer algum controle sob o uso indiscriminado das redes sociais aparece Boer et al. (2021), atrelado a uma reflexão de que, atualmente, muitas atividades que são relevantes para a socialização e desenvolvimento educacional, por exemplo, envolvem o ambiente on-line. Abster-se disso pode causar prejuízos nessas áreas para algumas pessoas, visto que as redes sociais tornam quase impossível resistir ao impulso de estar on-line e, por consequência, contornar esse uso problemático.

Conclusões

Levando em consideração o avanço das redes sociais e o aumento gradativo e rápido de usuários conectados diariamente, faz-se necessário identificar quais impactos psicológicos a nossa sociedade está sujeita. O presente estudo teve como objetivo analisar como o tempo de uso de tal mídia está correlacionado com comportamentos do tipo TDAH e até que ponto o autocontrole medeia essa relação.

Com o intuito de suprir uma lacuna da literatura vigente, os resultados do estudo fornecem informações importantes acerca de fatores relacionados ao desenvolvimento e manutenção da sintomatologia do TDAH, além de reforçar dados de estudos anteriores. Tais resultados irão contribuir para a comunidade científica pois comprovam a existência

de uma mediação entre as variáveis estudadas e, que tenhamos consciência, nenhum estudo semelhante a este foi previamente desenvolvido no Brasil.

O presente estudo não foi eximido de limitações. Cabe citar a dificuldade de obter respostas de um maior número de pessoas, visto que o formulário demandava tempo e reflexão para ser respondido, porém essa questão já havia sido prevista em decorrência do uso de um questionário de autorrelato. Algumas questões comprometedoras incluíram a reatividade por parte dos participantes em relação ao formulário, sendo relatados fadiga e tédio ao responder, gerando uma falta de engajamento necessário. Entretanto, a integridade do estudo não foi afetada em decorrência dessa limitação, visto que os resultados estão de acordo com a literatura vigente sobre o tema.

É necessário que futuras pesquisas se aprofundem em diretrizes do assunto. Visto que as redes sociais vêm ocupando, cada vez mais, um lugar importante na rotina de seus usuários, uma sugestão de abordagem a ser trabalhada é a de buscar compreender quais outros possíveis impactos podem ser gerados na saúde mental. Além disso, estudos com populações específicas podem ser benéficos para contribuir com a literatura e promover um melhor delineamento de possíveis intervenções, tais como pesquisas envolvendo crianças e adolescentes.

Referências

- American Psychiatric Association. (2023). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR* (5 ed.,). Artmed.
- Anderson, C. A., Suzuki, K., Swing, E. L., Groves, C. L., Gentile, D. A., Prot, S., Lam, C. P., Sakamoto, A., Horiuchi, Y., Krahé, B., Jelic, M., Liuqing, W., Toma, R., Warburton, W. A., Zhang, X.-M., Tajima, S., Qing, F., & Petrescu, P. (2017). Media Violence and Other Aggression Risk Factors in Seven Nations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 43(7), 986-998.
<https://doi.org/10.1177/0146167217703064>
- Arness, D. C., & Ollis, T. (2022). “A Mixed-Methods Study of Problematic Social Media Use, Attention Dysregulation, and Social Media Use Motives.” *Current Psychology*, 42, 24379-24398. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03472-6>
- Boer, M., Stevens, G., Finkenauer, C., & van den Eijnden, R. (2021). The Course of Problematic Social Media Use in Young Adolescents: A Latent Class Growth Analysis. *Child Development*, 93(2). <https://doi.org/10.1111/cdev.13712>
- Dixon, S. J. (2024, 10 de abril) Daily time spent on social networking by internet users worldwide from 2012 to 2024. *Statista*.
<https://www.statista.com/statistics/433871/daily-social-media-usage-worldwide/>
- Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A. G. (2009). Statistical power analyses using G*Power 3.1: tests for correlation and regression analyses. *Behavior research methods*, 41(4), 1149-1160. <https://doi.org/10.3758/BRM.41.4.1149>
- Field, A. (2020). *Descobrendo a estatística usando o SPSS*. Artmed.
- Guttman, A. (2023, 18 de dezembro) Media usage worldwide: statistics & facts. *Statista*. <https://www.statista.com/topics/11059/media-usage-worldwide/#topicOverview>

Koessmeier, C., & O. B. Büttner. (2021). Why Are We Distracted by Social Media?

Distraction Situations and Strategies, Reasons for Distraction, and Individual Differences. *Frontiers in Psychology*, 12, 1-12.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.711416>

Lubke, G. H., Hudziak, J. J., Derks, E. M., van Bijsterveldt, T. C. E. M., & Boomsma,

D. I. (2009). Maternal Ratings of Attention Problems in ADHD: Evidence for the Existence of a Continuum. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 48(11), 1085-1093.

<http://doi.org/10.1097/chi.0b013e3181ba3dbb>

Menendez-García, A., Jiménez-Arroyo, A., Rodrigo-Yanguas, M., Marin-Vila, M.,

Sánchez-Sánchez, F., Roman-Riechmann, E., & Blasco-Fontecilla, H. (2020).

Adicción a Internet, videojuegos y teléfonos móviles en niños y adolescentes: un estudio de casos y controles. *Adicciones*, 34(3).

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8532014>

Nikkelen, S. W. C., Valkenburg, P. M., Huizinga, M., & Bushman, B. J. (2014). Media

use and ADHD-related behaviors in children and adolescents: A meta-analysis.

Developmental Psychology, 50(9), 2228-2241. <http://doi.org/10.1037/a0037318>

Sciutto, M. J., & Eisenberg, M. (2007). Evaluating the Evidence for and Against the

Overdiagnosis of ADHD. *Journal of Attention Disorders*, 11(2), 106-113.

<http://doi.org/10.1177/1087054707300094>

Spencer, T. J., Adler, L. A., Meihua Qiao, Saylor, K. E., Brown, T. E., Holdnack, J. A.,

Schuh, K. J., Trzepacz, P. T., & Kelsey, D. K. (2009). Validation of the Adult

ADHD Investigator Symptom Rating Scale (AISRS). *Journal of Attention*

Disorders, 14(1), 57-68. <http://doi.org/10.1177/1087054709347435>

Willems, Y. E., Dolan, C. V., van Beijsterveldt, C. E. M., de Zeeuw, E. L., Boomsma, D.

I., Bartels, M., & Finkenauer, C. (2018). Genetic and Environmental Influences on Self-Control: Assessing Self-Control with the ASEBA Self-Control Scale.

Behavior Genetics, 48(2), 135-146. <http://doi.org/10.1007/s10519-018-9887-1>